

Interessante
(*Belas-Artes*)

(*) É indiferente escrever *Interessant* ou *Intressant*. A língua francesa conservou nessa palavra o *e* do latim, a língua inglesa o rejeitou. [NA]

Em sentido geral, o interessante (*) é oposto ao indiferente, e tudo o que excita nossa atenção também pode ser chamado de interessante. Merece, entretanto, este nome sobretudo aquilo que excita nossa atenção não apenas como objeto de consideração ou de um gozo passageiro, mas o que é uma ocupação para nós e que nos obriga de algum modo a empenhar nossas forças volitivas. Chamamos interessante a uma situação no poema épico ou dramático, não na medida em que meramente nos agrada ou desperta sensações agradáveis ou desagradáveis, mas somente na medida em que se torna uma oportunidade para nós de que as coisas tomem um certo desfecho segundo a posição em que a vemos.

Há objetos que consideramos com algum contentamento, sem nos interessarmos fortemente por ele. Nós os vemos como pinturas deleitosas diante de nós, e observamos o que nelas se modifica enquanto meros contempladores, para os quais é em certa medida indiferente como as coisas transcorrem, desde que não aconteça nada de adverso. É assim que um indivíduo ocioso olha os passantes do alto de sua janela, e fica satisfeito, desde que algo novo se passe diante de sua visão. É nessa disposição que também lemos por vezes descrições de países ou narrativas de histórias nas quais nosso interesse não vai além de passar o tempo com elas. Dessas coisas não se diz que são interessantes, porque são vistas como coisas que não dizem respeito em nada a nossas pessoas ou a nossa situação.

Pode ser também que objetos dessa espécie causem impressão bastante forte em nós, sem serem por isso interessantes em sentido estrito. Representações em que nos portamos principalmente de

modo passivo, nas quais apenas fruímos, sejam as coisas boas ou más, ainda não são do tipo interessante. Podem nos tornar alegres, tristes, carinhosos, voluptuosos e nos entreter agradavelmente com tais sensações, sem nos interessar vivamente. Aceitamos de bom grado todas essas impressões, porque são divertidas ou porque nos embalam, por assim dizer, agradavelmente; não nos encontramos, entretanto, colocados em nenhuma operosidade notável por elas; ser-nos-ia igualmente agradável, se as impressões se seguissem umas às outras diferentemente do que efetivamente ocorre.

Se, no entanto, se apresentam objetos que provocam nossa operosidade, por onde nos mostramos como seres cooperantes; nos quais fazemos esboços; os quais despertam desejos, medo e esperança em nós; nos quais nos importa que as coisas tomem certos rumos, e nos quais nos mostramos ativos, ao menos em pensamento, a fim de contribuir com algo para o andamento das coisas, então esses objetos são chamados interessantes.

O interessante é a qualidade mais importante de objetos estéticos, porque com ele o artista atinge de uma só vez todos os desígnios da arte. Primeiro, ele está seguro de nos aprazer por seu intermédio. Pois, embora pareça que o contentamento tranquilo de sensações agradáveis seja o estado mais desejável, numa investigação mais detida se mostra, no entanto, que a operosidade ou atividade interna, por meio da qual nós mesmos procedemos como seres livres que agem pelas próprias forças, é a ocupação primeira e mais importante de nossa natureza. Essa operosidade é o primeiro, o verdadeiro impulso fundamental de nosso ser, o benefício próprio ou o interesse que alguns filósofos tornaram a fonte de todas as ações. O artista, portanto, não pode nos adular, nem nos aprazer mais do que quando nos coloca em operosidade por

meio de objetos interessantes. Cada um admitirá que os dias mais felizes de sua vida foram aqueles em que sua alma externou a maior operosidade.

Objetos interessantes são ainda mais importantes por aumentarem em geral a operosidade do espírito, que constitui propriamente o valor do ser humano. O que a natureza quis fazer de nós não foi almas suaves, plácidas, entusiásticas, que se enlanguescem por um gozo tranquilo, pela volúpia interna, mas homens vivos, ativos, sedentos de operosidade. O maior valor do homem consiste, portanto, numa alma nervuda, operosa. Mas assim como as forças do corpo mais forte adormecem pelo repouso e ócio, enquanto um homem de forças físicas medianas se fortalece pelo trabalho contínuo, assim também os nervos da alma são como que paralisados pelo mero gozo. Esse entorpecimento, porém, pode ser impedido pelas belas artes, quando nos estimulam à operosidade por meio de objetos interessantes. Só por isso elas já nos proporcionam um serviço muito importante.

O artista, porém, cumpre o mais perfeitamente com os deveres de seu ofício quanto dirige ao mesmo tempo vantajosamente as forças excitadas de sua alma; quando sempre nos faz interessar pelo direito e virtude. Ao contrário, ele também age traiçoeiramente em relação ao homem, quando dá uma direção ruim às forças operantes, quer por malícia, quer por coração perverso, quer por mera insensatez. Este é o erro que com razão se imputa a Molière e ainda outros poetas cômicos, que fazem os espectadores se interessar com excessiva frequência apenas pela maldade ou pelo vício.

Quem quiser comover os outros, dizem os críticos, tem de comover a si mesmo; com exatamente tanta razão podemos dizer que aquele que queira fazer uma obra interessante, tem de ter uma alma operosa, interessada. Em vão diremos a um indivíduo totalmente frio e voltado unicamente para a contemplação, ou àquele que se enlanguesce apenas pela fruição, que ele deve ser interessante. Ele não estimulará a operosidade de nosso coração naquilo pelo que não se interessa calorosamente. Artistas para os quais uma região aprazível e o zéfiro que passa suavemente são objetos mais importantes que deliberações e empreendimentos nos quais as forças operantes entram em jogo, não podem interessar muito. Destas faz parte uma alma operosa, que age ela mesma com prazer e se interessa pela ação de outro; que transforma o produzir ordem e o evitar a desordem, onde quer que seja, numa ocupação para si mesma; que pega fogo facilmente, onde se mostre ocasião de fazer o bem ou de impedir o mal; que não sente apenas as próprios problemas, mas também os dos outros, ou, antes, à qual nada que diga respeito aos outros homens é estranho; ela, como o exprime nobremente Haller, se encontra em cada um dos outros. Numa palavra, o artista que deve ser interessante tem de ter tornado cada problema geral e particular dos homens o objeto principal de seu espírito atarefado. Com isso, tudo se lhe apresenta como interessante, e então ele também está em condição de nos atrair para o seu interesse. Nova prova de que o grande artista tem de ser um filósofo e um homem probo.

(MS)